

GLOBALIZAÇÃO E RELIGIÃO: UMA PERSPECTIVA RELACIONAL

Thomas Norris

(Tradução: Geraldo Luiz Borges Hackmann)

1 A situação

Um fenômeno cultural de grande alcance para toda a família humana é a globalização. Introduce, de fato, um *novum* na história: trata-se “de construir um espaço no qual, pela primeira vez, de forma irreversível, as diferentes identidades, em que se exprime a experiência humana, entram em relação de recíproca visibilidade e comunicação”¹. Ocorre recordar que o mesmo fenômeno é fruto da pesquisa científica e da tecnologia. Um estudioso inglês, Herbert Butterfield, descreveu a chegada das ciências naturais com estas palavras: “É superior a cada coisa depois da chegada do cristianismo e reduz o renascimento e as reformas ao nível de simples episódios, simples mudanças internas dentro do sistema do cristianismo medieval”². Os bens provenientes deste crescimento na história da humanidade são inegavelmente incalculáveis.

Existe, porém, uma outra dimensão importantíssima: na perspectiva daquele desenvolvimento das ciências, a tecnologia, a economia e o mercado global tornam-se gradualmente as realidades primárias. A pessoa humana, como *homo sapiens*, corre o perigo de ser submetida ao *homo technicus* e ao *homo oeconomicus*. Ela periga ser vista como fato pela técnica, pela economia e pelos seus produtos, sempre mais numerosos e atraentes. O mercado, que se torna mais unitário e planetário, já é o espaço no qual esses produtos se vendem e se compram.

Desta maneira, chegará o *homo consumens*: “Consumo, ergo sum!” Tal evolução, contudo, seria uma reviravolta para a humanidade

¹ CODA, Piero. La globalizzazione. Una sfida all’esperienza umana, *Nuova Umanità*, XXV (2003/2), p. 125.

² *The Origins of Modern Science, 1300-1800*, 2. ed., New York, 1966, p. 7.

de alcance incalculável. Os seres humanos passariam a ser vistos como objetos em um mundo que é fruto de seu trabalho, e não mais como sujeitos que possuem um valor intrínseco, ou melhor, ilimitado. Seria a “abolição do homem”, para parafrasear o título do famoso livro de C. S. Lewis: a pessoa humana não é mais algo grande, ou melhor, sagrada; na verdade, o ser maior entre todos os seres visíveis e razão pela qual todos os outros foram criados! “É urgente tomar consciência de que está em jogo a identidade do homem e, por consequência, trabalhar profundamente e em todos os níveis (...) a fim de que a globalização da imagem humana torne-se uma realidade”³.

2 A ordem justa

Como encontrar a ordem justa da realidade? Aqui surge uma aporia: não é verdadeiro que foi a revelação judeu-cristã que impulsionou e justificou o estudo da natureza e, por isso, o florescimento da ciência? Basta citar a primeira página do Gênesis (cf. 1,28). Um pensador italiano, Umbeto Galimberti, formula um juízo severo sobre o tema. “Até que o mundo seja interpretado com categorias judaico-cristãs não será possível colocar algum limite à técnica e aos efeitos de sua expansão (...). O eixo, de fato, da tradição judaico-cristã é a vontade de Deus que quer o senhorio do homem sobre o mundo. ‘Tornar verdade’, ser fiel ao ditame de Deus significa, então, direito ao domínio. A técnica, que oferece condições para o exercício deste direito, se inscreve no horizonte teológico, onde Deus é o fundamento que justifica a bondade do obrar técnico e o dever de sua atuação”⁴. A teologia é a justificação da técnica e da globalização sem fronteira! E não só, mas a tese sustém que a revelação não pode frear e guiar a técnica.

Não termina aqui a crítica para com a tradição judaico-cristã. Max Weber fala do “desencantamento do mundo” pelo qual a humanidade perdeu a convicção de que a natureza e o ambiente são sacros, quais dons de Deus dados a nós em confiança. Realçando o senhorio de Deus sobre a criação e a sua soberania, o pensamento bíblico inspirou a forma mais radical de secularização. Eis a fonte de um antropocentrismo exagerado que termina, como acabamos de ver, por abolir o homem mesmo. Além

³ CODA, Piero. *Ibid.*, p. 127.

⁴ GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e techne. L'uomo nell'età della tecnica*. Milano: Feltrinelli, 1999, p. 294-s.

do fato de que esses dois autores mereceriam um diálogo agudo, que deveria estudar mais profundamente os textos bíblicos, máxime os três primeiros capítulos do Gênesis, a situação contemporânea exige e busca um método para redescobrir a justa rede de relações entre o Deus de Jesus Cristo e o mundo criado em seus vários níveis. É necessário repensar as relações justas entre as religiões e a ciência, qual motor da técnica e da globalização.

3 O método

O método nos é sugerido pelo Concílio e pelo Magistério sucessivo da Igreja. Na *Gaudium et Spes* encontramos um princípio metodológico para ver e avaliar os grandes encontros que tanto a divina revelação quanto a história assinalam para o caminho do homem. A formulação central vem expressa no número 22:

Na realidade o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado. (...) Novo Adão na mesma revelação do mistério do Pai e de seu amor, Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação.

Convicto de que era necessário voltar-se ao *mysterium hominis*, o Concílio se concentrou no mistério do Cristo, onde “a impossível união entre esferas da existência é atual” (T. S. Eliot). De fato, aqui encontramos a relação entre antropologia e cristologia e, por consequência, entre o mistério do homem e o mistério de Deus. O Concílio liga o evento de Cristo e o mistério do homem: o homem foi criado em Cristo e por Cristo foi redimido. Porém, não apenas a relação entre antropologia e a cristologia é realçada, mas também a relação entre o mistério de Deus e o mistério do homem. Estabelece-se, dessarte, o fundamento para um diálogo entre fê e pensamento moderno, sobretudo a técnica e a ciência.

Compreende-se, assim, o pensamento de João Paulo II na Encíclica *Dives in misericordia*, onde o Papa, dando-se conta das correntes do pensamento e da práxis, nota que essas correntes “continuam a ser marcadas pela tendência para separar e até mesmo para contrapor o teocentrismo e o antropocentrismo; a Igreja, seguindo a Cristo, procura ao contrário uni-los conjuntamente na história do homem, de maneira orgânica e profunda. Este é um dos princípios fundamentais, e talvez o mais importante, do Magistério do último Concílio” (n. 1). Cristo, com efeito, de fato, como revelador do Pai no Espírito nos traz a vida

trinitária na terra. A *Gaudium et Spes*, no número 24, explica o resultado deste fato:

Quando o Senhor Jesus reza ao Pai que ‘todos sejam um, como nós somos um’ (*Jo* 17,21-22), abre perspectivas inacessíveis à razão humana, sugere alguma semelhança entre a união das pessoas divinas e a união dos filhos de Deus na verdade e na caridade. Esta semelhança manifesta que o homem, a única criatura na terra que Deus quis por si mesma, não pode se encontrar plenamente senão por um dom sincero de si mesma (cf. *Lc* 17, 33) (n. 24).

Eis a “medida alta” da antropologia cristã, como a define João Paulo II (*Novo Millennio Ineunte* 31). O homem é relação, isto é, exprime a si mesmo, sobretudo, mediante a vida de amor para Deus, para os outros e até à criação. Esta é uma visão de vida bem diferente da leitura “permissiva” da criação no Gênesis. A realidade é que “a gramática da relação, pela primeira vez e de modo radical, torna-se essencial para exprimir, seja o mistério de Deus, seja a vocação do homem”⁵.

4 A relacionalidade da natureza

As ciências naturais e físicas estão sempre de acordo com um fato: o nosso Universo é uma rede de relações. Eis como o princípio da relação parece ser central, seja para a constituição da natureza, seja para as ciências naturais. De fato, as mesmas ciências reconhecem seis níveis na subida ao nível “humano”: a criação do nível físico da criação; o nível astrofísico-químico; o nível da biologia; da botânica; da zoologia, e, finalmente, do homem, o qual recapitula os cinco níveis precedentes. Além disso, os níveis superiores têm necessidade dos níveis mais baixos, os quais “dão” a si mesmos totalmente. O resultado é uma unidade com diversidade, baseada sobre o dom de si subindo do primeiro nível ao nível do homem. Nesta perspectiva, convém falar mais de uma cooperação, ou melhor, um amor, do que de uma “sobrevivência dos mais saudáveis” (Darwin).

A subida continua: na plenitude dos tempos e mediante Maria, qual *Höhepunkt* da criação, Cristo nasceu. Nele, o sexto nível da criação foi assumido pela Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Por sua vez e mediante o seu sofrimento, abandono e ressurreição, Cristo traz consigo todo o criado até à vida íntima do Pai. “Assim Deus, sendo

⁵ CODA, Piero. *Ibid.*, p. 137.

Amor, não pode fazer diferente do que compartilhar todo o seu ser com as suas criaturas. A chave da criação é que Deus, sendo Amor, quer dar o seu Ser a quem não o é”⁶.

E assim retornamos ao nosso ponto de partida. Damo-nos conta de uma autêntica “gramática da relação”. Esta gramática exprime a vida trinitária, explica, partindo da revelação, a vida autêntica do homem, e sugere uma lei de relação que simultaneamente une e distingue os vários níveis do criado. Tal visão da realidade indica uma convergência, em linha de princípio, entre a lógica do Deus de Jesus Cristo, a lógica da antropologia, e a lógica emergente da pesquisa científica. Damo-nos conta de que cada uma é uma lógica relacional, isto é, de autodoar-se. A globalização pode ter, assim, uma FACE autenticamente humana.

⁶ PURCELL, Brendan. Reflections on Evolution in the Light of a Philosophical Biology, in MCEVOY, James; DUNNE, Michael; *Thomas Aquinas: Approaches to Truth*, Dublin, 2002, p. 112.